**CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES INGRESSANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEMS EM DOURADOS - MS SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Dayanne Souza do AMARAL (UEMS – Dourados)**

**Débora de Barros SILVEIRA (UEMS – Dourados)**

EIXO 1 – Formação Inicial de Professores

**Resumo:** O brincar é uma linguagem infantil, um direito das crianças e um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil. O estudo teve como objetivo identificar concepções de algumas estudantes ingressantes no primeiro ano do curso de Pedagogia da UEMS, em Dourados - MS, sobre o brincar nas instituições de Educação Infantil. Investigamos as suas opiniões e conceitos sobre o brincar como prática pedagógica nas instituições educacionais e qual deve ser o papel de docentes em relação às brincadeiras. Para desenvolver a pesquisa utilizamos uma abordagem metodológica de natureza qualitativa e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais com quatro estudantes que estavam ingressando no curso de Pedagogia no ano letivo de 2019. Para embasamento teórico utilizamos legislações (BRASIL, 2009; 2017), documentos oficiais (BRASIL, 1998) e autores como Kishimoto (2010), Wajskop (1995), entre outros. As análises dos dados mostram que de certa maneira as estudantes valorizam a existência das brincadeiras nas instituições educativas, porém existe em suas falas concepções explícitas de escolarização precoce das crianças na Educação Infantil. Essas percepções colocam o brincar em segundo plano e nos aponta que será necessário ressaltar na formação inicial as contribuições das brincadeiras para as aprendizagens e desenvolvimento das crianças e como um eixo das práticas pedagógicas. Atribuem que cabe às famílias garantir condições para que as crianças aprendam e exercitem o brincar e, a maioria, afirma que docentes podem contribuir ensinando e ampliando o repertório de brincadeiras, mas foram nítidas algumas perspectivas de brincar como uma prática pedagógica que auxilie no desenvolvimento da coordenação motora e da memória para justificarem ser uma experiência presente nas instituições e algo que cabe ser planejado.

**Palavras-Chave:** Brincar. Concepções. Professoras em formação. Educação infantil.

**Introdução**

O estudo teve como objetivo identificar algumas das concepções de estudantes ingressantes no curso de Pedagogia, no ano de 2019, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, em Dourados – MS, sobre o brincar nas instituições de Educação Infantil. Investigamos as suas opiniões e conceitos sobre o brincar como prática pedagógica nas instituições educacionais e qual deve ser o papel de docentes em relação as brincadeiras.

A coleta de dados foi realizada logo nas primeiras semanas do ano letivo, pois nesse período, as colaboradoras da pesquisa ainda não haviam cursado componentes curriculares que discutem as questões relacionadas ao brincar, em especial, as disciplinas do primeiro ano do curso, como ‘Corpo, movimento e educação’ e ‘Psicologia da Educação’ que tem em suas ementas conteúdos que este estudo envolve. Vale ressaltar que apresentamos a expressão colaboradoras da pesquisa e usaremos outras palavras no feminino no decorrer do texto considerando que o maior número de entrevistadas foram mulheres e que elas são a maioria das pessoas que ingressam e concluem os cursos de Pedagogia. Porém, ressaltamos que a docência não deve ser considerada uma profissão feminina e que nas instituições educativas devem atuar profissionais que receberam formação adequada, independente se homens ou mulheres. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com quatro pessoas, sendo três do sexo feminino e uma do sexo masculino, com idades variadas entre 20 e 30 anos.

Levá-las a refletir sobre essa temática é muito importante, porque o curso de Pedagogia irá prepará-las para atuar com crianças e talvez seja necessário desconstruir algumas concepções sobre práticas pedagógicas em geral, sobre o brincar e as crianças, e construir novos conhecimentos que contribuam para a formação inicial de profissionais que poderão atuar na docência na Educação Infantil.

1. **Sobre o brincar: considerações iniciais**

O brincar é algo necessário na vida das crianças, por ser indispensável para o seu desenvolvimento integral - psicossocial, cultural, cognitivo e motor - e, pelo seu caráter humanizador. O brincar é tão relevante que passou a ser um direito, expresso na Convenção dos Direitos da Criança de 1989, enfatizando que todas têm o direito a brincadeira e cabe a sociedade e às autoridades garantirem o exercício dele. No Brasil, isso está ratificado no Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8069/1990 (BRASIL, 1990), de modo que seja assegurado pela legislação que faça parte da vida cotidiana e escolar delas, tendo sido introduzido nas práticas pedagógicas que compõe o currículo, como algo que promove o desenvolvimento e as aprendizagens. De acordo com Kishimoto (2010, p. 1), o brincar é uma “ação livre que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança, dá prazer, não exige como condição um produto final, relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário”. O brincar é algo extremamente significativo para a criança, como ainda destaca a autora:

É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e de criar. (KISHIMOTO, 2010, p. 01)

Entre tantas discussões e lutas pela educação no Brasil, foi instituído um ato normativo para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, a primeira versão em 1999 e a segunda em 2009 (BRASIL, 2009), com o objetivo de assegurar o respeito ao processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. O documento além de reconhecer a criança como ser social, aborda que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular desse segmento devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular, no segmento sobre a Educação Infantil - BNCC (BRASIL, 2017) estabeleceu que o brincar é um direito básico de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, que surge como uma abordagem de vivências a serem exploradas e trabalhadas de forma intencional, organizadas, enriquecidas e planejadas pelo professor ou professora, que reserva tempo, espaços e materiais para que o brincar possa ocorrer diariamente e com qualidade.

1. **As concepções de estudantes ingressantes no curso de Pedagogia sobre brincar**

Em sua parte inicial, as entrevistas tiveram a intenção de sensibilizar as colaboradoras para a temática e provocar a possibilidade de acessarem algumas memórias da infância. Todas afirmaram ter lembranças das brincadeiras e com quem brincavam, como podemos identificar na resposta abaixo:

Bom, no meu tempo ainda era aquele tempo que a gente brincava na rua. Então, a gente brincava na rua, brincava de esconde-esconde, de pega-pega, na escola também é, assim, da escola não me lembro tanto... na parte da escola é meio vago, mas eu me lembro que minha mãe brincava comigo, a gente brincava bastante na rua, levava a gente no parquinho. (Entrevistada 2).

O excerto mostra que a entrevistada lembra das brincadeiras que ocorreram fora da escola, na rua, no parquinho, brincadeiras nas quais a sua mãe participava ou propiciava, quando a levava ao parque infantil. Afirma não ter lembranças nítidas das brincadeiras no espaço escolar o que nos sugere que talvez a instituição educativa não tenha proporcionado tantos momentos significativos envolvendo a brincadeira, como aqueles vividos em espaços não escolares. Vale ressaltar que esta entrevistada não frequentou a Educação Infantil, ingressou já nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Apesar de fazermos esta ressalva, afirmamos que no Ensino Fundamental as crianças deveriam continuar tendo o direito ao brincar, mas nem sempre isso ocorre. Por vezes, isso até deixa de ocorrer na pré-escola, a última fase da Educação Infantil, quando ela é escolarizante, isto é, algo mecanizado, instrucional, opressor, que tenta alfabetizar as crianças de uma maneira tradicional, com muitas tarefas de cópias.

Nas falas das entrevistadas as brincadeiras como atividades pedagógicas apareceram com certa ênfase. Uma delas até afirmou: “Eu acho que na escola é mais interessante as brincadeiras que eles vão aprender, as brincadeiras pedagógicas.” (Entrevistada 2). Outra enfatizou a importância de jogos da memória e quebra-cabeças, que são jogos mais pedagógicos e “jogo de palavras, são bastante educativos e de aprendizagem.” (Entrevistado 3). É importante observar que as concepções esboçadas apontam que as práticas ocorridas nas instituições deveriam em suas perspectivas serem produtivas para ensinar, ainda não há a concepção que brincar gera aprendizagens e desenvolvimento integral e não necessariamente precisa ser atividade pedagógica com objetivos explícitos sobre o que aprenderá.

Em relação as suas memórias, pudemos identificar que afirmam que quando suas professoras apresentavam brincadeiras ou jogos com objetivos didáticos, elas asseguraram que tinham mais interesse em participar da aula. Uma delas afirmou que essas aulas proporcionavam momentos de interações, amizades e inclusões que, em muitos casos, só aconteciam por meio das brincadeiras, dizendo:

[...] eu achava bom estar brincando, porque sempre quando você brinca, você arruma um amigo, você faz amizades na escola. Sem brincadeiras não, você está sempre ali sozinha, você não se enturma muito, mas com brincadeiras você consegue... Ah! Eu gostava! (Entrevistada 1)

Ainda sobre suas memórias, o momento do recreio, geralmente, era muito esperado. Vários eram os motivos, porém o fato delas terem oportunidade de interagir, de brincar com várias crianças, de conversarem livremente, de usufruírem do ambiente exterior a sala da turma na qual estavam inseridas é o que mais se destacou. Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia, como afirma Kishimoto (2010). A afirmação da autora encontra ressonância nas respostas das colaboradoras da pesquisa no que se refere as suas memórias, pois ao serem questionadas se gostavam de brincar na hora do recreio e como se sentiam ou se sentiam-se bem, as respostas se assemelham, todas demonstraram que estes eram momentos felizes na instituição educativa, o momento mais esperado.

As falas referentes as suas memórias nos dão indícios que frequentaram instituições em que havia uma escolarização muito presente, que o brincar aparecia somente em alguns momentos. Uma das entrevistadas até chegou a afirmar que quando começou a se enturmar na instituição e brincar na hora do intervalo, era como uma terapia, fazia com que se sentisse bem. Saber dessas memórias nos dá indícios que a formação inicial deve trabalhar a ideia de que o brincar deve estar presente no dia a dia das crianças na instituição, de que ele não é perda de tempo e que promove aprendizagens sobre o contexto social e cultural, tão importantes quanto qualquer outro conhecimento que poderia ser trabalhado com elas.

* 1. **O brincar e as crianças**

Os professores e professoras devem estruturar o campo das brincadeiras dentro da instituição educativa, de acordo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), são eles e elas as responsáveis por ajudar a planejar e organizar o espaço e preparar os materiais adequados por meio da oferta de determinados objetos, fantasia, brinquedos ou jogos, delimitando os arranjos dos espaços e do tempo para brincar. Ao responderem sobre o que é o brincar, uma das estudantes afirmou “É eu me divertir, me entregar totalmente à brincadeira, não pensar em outras coisas” (Entrevistada 1) e outra disse “Eu acho que é você se divertir usando a sua imaginação.” (Entrevistada 4).

Ao analisar as respostas podemos refletir sobre como brincar é prazeroso para a criança, a ponto de fazer com que ‘saiam da própria realidade’ se entregando totalmente a brincadeira como afirma a entrevistada 1. Foi isso que Gilles Brougère relatou em sua entrevista realizada no Brasil, em 2009, pela revista Nova Escola, ao afirmar que o brincar tem um caráter frívolo, ou seja, é uma ação sem consequências ou com consequências minimizadas, justamente porque é de “brincadeira”.

Ao falarem sobre os motivos pelos quais as crianças devem brincar, duas delas apresentaram respostas semelhantes. Uma delas afirmou que devem brincar sempre porque “vai estimular a aprendizagem, a coordenação motora, ela vai estimular a forma de pensar, de interagir da criança, e isso vai melhorar no seu cotidiano, no seu dia a dia.” (Entrevistado 3) e outra disse:

É, porque para uma criança se desenvolver acho que ela precisa da imaginação e da brincadeira, ela precisa desse desenvolvimento, porque uma criança não é um adulto, então ela não precisa ter a responsabilidade de um adulto, você não vai ver hoje um adulto brincando de boneca, mas uma criança acho que ela precisa, sei lá, acho que se autoconhecer. (Entrevistada 4)

As respostas são interessantes e, em especial, esta última quando afirma que a criança deve e precisa brincar para se desenvolver e se autoconhecer, pois nos remete a ideia de que brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

Duas outras colaboradoras argumentaram que o brincar é importante na infância, que crianças precisam brincar. “Por que é importante brincar? (pausa) É o que eu disse! Pra não perder a infância, brincar é algo que passa muito rápido, então eu acho que pra eles devia ser importante brincar mesmo!” (Entrevistada 1). Quando pensamos em infância, geralmente as primeiras lembranças são dos momentos em que brincamos, os jogos, as brincadeiras, a diversão com outras crianças. Para além de ser prazeroso e fundamental para o desenvolvimento, brincar é algo que a criança considera importante, é o momento em que ela se conhece e interage outros, sendo livre para criar, para imaginar. Porém, precisamos destacar um trecho da fala, pois ao afirmar que “brincar é algo que passa muito rápido”, essa entrevistada também nos dá indícios de uma concepção que restringe o brincar a uma determinada janela temporal rígida, aprisionada em um momento específico da infância. Conhecer essa crença é importante para que a formação inicial de professores invista na problematização de concepções limitantes como essa. Brincar não se restringe a um momento circunscrito da vida, muito menos, a uma etapa particular da infância. Reconhecer isso é valioso para as práticas cotidianas na Educação Infantil do ponto de vista das vivências oportunizadas às crianças e, também, das experiências vivenciadas com elas, por parte do profissional docente, ao admitir-se, ele próprio, como sujeito brincante.

* 1. **O brincar e a Educação Infantil**

É na Educação Infantil que as crianças têm o primeiro contato com uma instituição de educação formal e, por estarem na fase que denominamos infância, é necessário garantir que o brincar continue fazendo parte do cotidiano delas. Como infere Kishimoto (2010, p. 01), “a opção pelo brincar desde o início da Educação Infantil é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade.” É na creche e na pré-escola que as crianças começam a vivenciar suas primeiras experiências de interação fora do contexto familiar, é o local onde começam a compartilhar os objetos e expressar suas emoções e sentimentos. O papel do/a professor/a é preparar ambientes, os quais auxiliem a formação da autonomia e criatividade da criança e ambientes para brincar são bons exemplos disso.

Investigando a concepção das estudantes sobre o brincar na Educação Infantil, as entrevistadas 3 e 4 responderam que as crianças devem brincar na pré-escola, com idade entre 4 e 5 anos, porque o brincar auxilia na formação e socialização, pois desenvolve suas habilidades cognitivas, afetivas, físicas, sociais e emocionais. Quando indagadas, defendem também o brincar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para as crianças com idade entre 6 a 10 anos, visto que o brincar nessa fase escolar pode ser usado como uma ferramenta de suporte que leva as crianças a atingirem níveis mais avançados do seu desenvolvimento motor, intelectual e social. Porém, a entrevistada 2 acredita que as brincadeiras devem ter cunho pedagógico, possibilitando que a criança aprenda conteúdos brincando. Já a Entrevistada 01 afirmou que deve existir um tempo e um espaço preparado para que isso aconteça e que pode ser bom para a criança porque faz com que ela saia de uma rotina exaustiva de tarefas dentro da sala de aula e contemplam um pouco de lazer, ela comentou que frequentemente “nas escolas você só senta e faz tarefa, eu acho que eles deviam brincar também, ter um tempo livre (pausa), e os professores deviam mesmo é colocar isso mesmo, tipo agora é hora de vocês brincarem, agora é hora de fazer tarefa!” (Entrevistada 1).

Foi possível identificar nas falas das estudantes, que na opinião delas, a brincadeira pode servir tanto de aprendizado como de refúgio, para aliviar a sobrecarga que a criança carrega do período em que realiza atividades durante o tempo que está na instituição educativa. No entanto, Wajskop (1995), afirma que essa forma de pensar, que a brincadeira alivia sobrecarga de tarefas, contaminam os profissionais da Educação Infantil, pois essas práticas não contêm uma ação educativa planejada e consciente em relação ao brincar por parte do docente e sendo assim, essa estratégia de utilizar a brincadeira como forma de descanso para a criança é totalmente inapropriado e sem eficácia.

Quanto ao espaço na instituição que as crianças devem brincar as respostas foram semelhantes, todas afirmaram que elas devem brincar tanto na sala da turma como nos outros espaços da instituição, incluindo o parquinho, o pátio ou a quadra esportiva. Dentre as brincadeiras que devem existir na pré-escola os entrevistados sugeriram o pega-pega, esconde-esconde, brincar com brinquedos diversos, jogo da memória, quebra cabeça, dentre outras.

É interessante que nenhuma das entrevistadas cita as brincadeiras livres, de faz de conta, o que torna possível identificar que na concepção das colaboradoras o brincar dentro da instituição requer a intervenção de um adulto no momento de decisão, da escolha da brincadeira, assim, muitas vezes, direcionando para o uso didático dessa ação, com um objetivo explícito de aprendizagem de algum conteúdo, como os jogos com elementos matemáticos e de animais citados por elas. Essas perspectivas nos apontam que no curso de graduação há necessidade de enfatizar a especificidade da Educação Infantil, no sentido de tentar romper com as concepções que já possuem de algo que escolariza as crianças precocemente, que de certa maneira amputa as experiências de infância e as brincadeiras mais livres, como os jogos simbólicos não citados por nenhuma colaboradora.

Por meio das respostas obtidas podemos supor que embora as colaboradoras acreditem na importância que o brincar tem na vida, não o veem como uma prática que faz parte da educação de uma criança e sim de modo isolado, ou seja, a hora de brincar e a hora de aprender.

* 1. **O papel do/a professor/a relacionado ao brincar.**

Buscando identificar as concepções das estudantes sobre o papel do e da professora no que diz respeito ao brincar, as respostas foram diversas. A entrevistada 02, expressou que o ou a professora deve ensinar a criança a brincar, principalmente brincadeiras que elas desconhecem e promover a interação com o grupo, e acrescenta “[...] ainda mais que hoje em dia muita criança não brinca, muita criança fica só no celular, então, às vezes cabe ao professor ensinar, ter uma brincadeira simples que a criança não aprendeu em casa.” (Entrevistada 02). Portanto, nesse excerto fica evidente que na concepção da entrevistada, o professor é um aliado para que a criança tenha contato com as brincadeiras e ainda pode permitir que ela amplie seu repertório com relação ao conhecimento de novas brincadeiras, proporcionando ampliação da cultura lúdica. A publicação do Ministério da Educação “Critérios para um atendimento em Creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009), enfatiza que as crianças têm direito a brincadeira e que os adultos podem propor novas brincadeiras as crianças, assim como as crianças precisam ter a oportunidade de fazer propostas de brincadeiras e estas serem acatadas pelos adultos.

Outra colaboradora expressou preocupação com a exclusão e de como o ou a professora deve, por meio da brincadeira, promover a inclusão, relatando: “[...] mostrar pra eles como é importante brincar com seus amigos, não excluir ninguém dentro da brincadeira, porque sempre tem um que fica de canto, não tem ninguém! [..]” (Entrevistada 01).

Outra pessoa, de certa maneira, não endossou que professores teriam alguma responsabilidade por fomentar o brincar quando afirmou “Incentivar a criança, apesar de ela estar lá para aprender a ser um indivíduo na sociedade, a ser criança mesmo assim!” (Entrevistada 4)

Podemos inferir, por algumas concepções expressas, que as estudantes acreditam que o papel do e da professora é muito importante no momento de proporcionar o brincar na vida das crianças e que as brincadeiras são um meio de contribuir para que crianças se desenvolvam e sejam capazes de resolver conflitos, traz conhecimentos e capacidades que podem fazer a diferença na vida delas. Mas, as respostas nos mostram que é necessário um esforço para que na formação inicial haja reflexões sobre o brincar como um eixo norteador da prática pedagógica na Educação Infantil e do entendimento que o profissional que atua nas instituições é responsável por organizar o planejamento no sentido de garantir que as brincadeiras ocorram, organizando tempo, espaços e materiais.

**Algumas considerações**

Como mencionado, o objetivo desse artigo foi identificar as concepções que algumas estudantes ingressantes no curso de Pedagogia da UEMS em Dourados/MS apresentavam sobre o brincar na Educação Infantil. As análises indicaram que, apesar das respostas das estudantes concordarem entre si a respeito da importância do brincar nas instituições educativas, existem ainda várias concepções explícitas de escolarização precoce das crianças na Educação Infantil.

As colaboradoras da pesquisa ao expressarem de maneira nítida que acreditam numa posição que escolariza as crianças precocemente, ao valorizarem tarefas que elas devem executar, colocam o brincar em segundo plano. O brincar apareceria como algo intercalado, para relaxar ou desestressar as crianças, para que aproveitem a infância e construam relacionamentos com outras crianças.

Expressaram também, que as brincadeiras devem ser direcionadas, devem ter um cunho pedagógico e que atividades didáticas com caráter lúdico é mais eficaz para que as crianças aprendam conteúdos, sendo assim, essas ideias nos mostram que é necessário durante o curso de Pedagogia, tanto ressaltar as especificidades das brincadeiras na Educação Infantil, como enfatizar que nesse segmento educativo há o atendimento de crianças, e que não podem ser transformadas em alunos tão precocemente, para dessa forma tentar romper com as concepções já existentes a respeito da brincadeira na formação e educação das crianças.

As análises também mostraram que nenhuma das colaboradoras expressou que podem existir limitações por parte de professionais que atuam na educação, possíveis concepções equivocadas sobre o brincar, que ocasiona a ausência dessa prática em muitas instituições de Educação Infantil.

As entrevistadas, atribuem que cabe as famílias garantir condições para que as crianças aprendam a brincar e, a maioria, afirma que professores e professoras podem contribuir ensinando e ampliando o repertório delas sobre o brincar, mas foram nítidas algumas perspectivas de brincar como uma prática pedagógica que auxilie no desenvolvimento da coordenação motora e da memória para justificarem ser uma experiência presente nas instituições e algo que cabe ao professor planejar.

Analisando esses dados pudemos concluir que as concepções que apresentaram estão longe de pensar que o eixo das práticas pedagógicas na Educação Infantil devem ser as brincadeiras e as interações ou que o brincar é um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil conforme afirma a BNCC (BRASIL, 2017). Outro aspecto que fica evidente e que merece a atenção dos cursos de formação inicial de professores é a presença de concepções que desconsideram a possibilidade de que brincando a criança se desenvolve de modo integral.

**REFERÊNCIAS:**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - BNCC. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/. Acesso em: 01 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Secretária de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

**BROUGÈRE**,Gilles. **Entrevista sobre o aprendizado do brincar**. Linked in Revista Nova Escola, março de 2010. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/entrevista-com-gilles-broug%C3%A8re-sobre-o-aprendizado-do-espa%C3%A7o-trilhar> Acesso em: 30 ago 2023.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6 ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In: Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, 1., 2010. Belo Horizonte. **Anais.** Belo Horizonte: UFMG/MEC, nov. 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file. Acesso em 30 mar 2019.

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na Educação Infantil**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev./1995. Disponível em: http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf. Acesso em: 20 ago 2018.